

Contatos entre coríntios e etruscos: uma leitura da “Ólpe de Chigi”

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima

Résumé

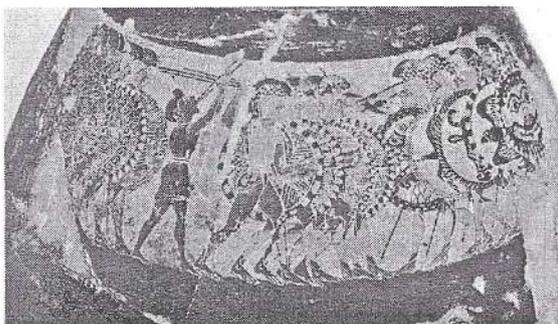
Ce travail a pour but d'étudier les contacts entre les corinthiens et les étrusques. Les scènes représentées dans l'Ólpe Chigi (milieu du VII siècle av. J.-C., provenant de Veies — Étrurie) nous offrent pratiques sociales et guerrières (chasse au lion, hoplites, hippeis, procession de chars et de chevaux) des grecs et des princes étrusques au période archaïque.

O VIII século a. C. marca o período de formação das *póleis* no mundo grego. Durante os séculos VIII e VII a.C., em algumas regiões da Hélade, ocorreram transformações e inovações; uma delas foi a “explosão demográfica” do VIII século a. C., identificada por meio do crescimento do número de sítios que correspondiam a habitats e a tumbas. Anthony Snodgrass percebeu que este aumento populacional teria sido um dos vetores de condições do aparecimento do *synoecismo*, ou seja, ato fundador que ordena os habitantes de várias *komai* (aldeias) se agruparem e viverem em conjunto — *sun oikein* — (SNODGRASS, 1986: 28; CORVISIER, 1996: 33). Segundo uma das versões míticas, o herói que realizou este ato, de viver juntos, em Corinto foi Aletes (PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia* II, 4, 3; PÍNDARO. *Olímpicas* XIII, 12). Além desta hipótese defendida pela Escola de Cambridge, há um aspecto bastante interessante apontado por François de Polignac: os fenômenos marcantes deste período foram de um lado o crescimento demográfico, apoiando a tese de Snodgrass, e do outro o desenvolvimento dos cultos de heróis e a edificação de santuários. A presença dos santuários traduz uma nova concepção de espaço, onde se afirma a identidade de interesses de todos aqueles que lá vivem e define limites e margens. Os santuários situados no espaço rural (*chôra*) marcam a apropriação do território ante às populações vizinhas. Logo, a demarcação de um grande santuário territorial, sempre no limite da área cultivada, significa uma política de ação para a unificação

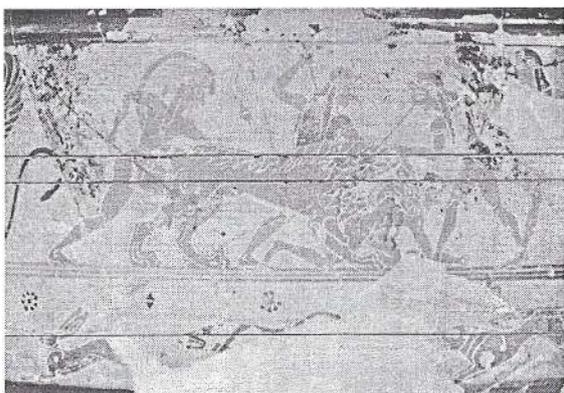
de todos os componentes e comunidades da região em uma só entidade: a *pólis*.

A *pólis* dos coríntios foi uma das primeiras da Hélade a demarcar e edificar santuários e templos. O *gênos* aristocrático dos Baquíades a partir do VIII século a. C. empenhou-se em uma política urbanística tanto no espaço urbano (*ásty*), com a edificação de templos na colina de Apolo, quanto no espaço rural (*chôra*) por intermédio da incorporação da região do santuário de Pérachora ao território coríntio (THÉOPHILOPOULOU, 1983: 43). Os Baquíades foram também responsáveis pelo estímulo ao comércio, por meio da construção dos portos de *Kenchréai* — voltado para o Golfo Sarônico e utilizado pelos barcos vindos da Ásia — e de *Léchaion* — no Golfo de Corinto e usado pelas naus que chegavam da Itália (ESTRABÃO. *Geografia* VIII, 6, 22). No período dos Baquíades, os coríntios participaram da colonização da Magna Grécia. Uma parcela da historiografia acredita que o movimento de colonização de Corinto, no VIII século a. C., tivesse um objetivo comercial (MURRAY, 1980: 141). Édouard Will discorda desta hipótese: ele apóia a tese do aumento populacional ter gerado uma crise agrária; esta crise levaria camponeses sem terras a se engajarem no movimento de colonização. Com a fixação de helenos na Itália nas *emporía* (entrepostos comerciais) de Cumas e Pithecussas e, mais especificamente, de coríntios (*apoikía* de Siracusa) travaram-se contatos entre a cultura coríntia e locais. Desta maneira, segundo Will, a colonização proporcionou a comercialização de cerâmicas coríntias na Etrúria e não o contrário (WILL, 1955: 322).

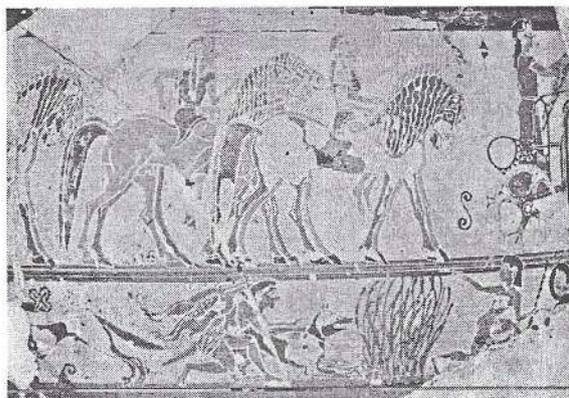
O objetivo deste trabalho consiste em discutir as trocas estabelecidas entre coríntios e etruscos a partir das cerâmicas coríntias encontradas nas tumbas no território toscano. Analisaremos uma famosa *ólpe*, conhecida como “Vaso de Chigi” (Roma. Museo Nazionale di Villa Giulia, antiga coleção de Chigi, 22679). Este artefato foi encontrado em 1882 em uma tumba etrusca próxima à cidade de Veios. Ele pertence ao estilo tardio protocoríntio e foi datado por volta de 640 a.C. O vaso possui 26 cm de altura e apesar de pertencer ao estilo de figuras negras, o pintor deu outras tonalidades em suas figuras; há o uso da policromia por meio do castanho e do vermelho-escuro (PAYNE, 1931: 95). A “*ólpe* de Chigi” é um dos poucos trabalhos protocoríntios onde a figura humana é dominante (RASMUSSEN, 1997: 58-59). No friso central do vaso está representada uma esfinge alada, segundo alguns autores seria um motivo egípcio. Este tipo de signo mostra os contatos entre a cultura helênica e as culturas do Oriente (BOARDMAN, 1965: 48-49). Lembremos, por exemplo, que a caça ao leão era freqüente no Oriente e, sobretudo, na Assíria (ROBERTSON, 1978: 48-49).



Detalhe do friso superior — hoplitai



Friso central — hippeís e carro de combate — e friso inferior — caça à lebre



Friso central — caça ao leão

O pintor dividiu o vaso em várias narrativas pictóricas, tais como: no friso estreito de baixo, a caça à lebre (com jovens e cães representados); no friso do meio, a caça ao leão; o julgamento de Páris com a presença de Héra, Atená e Afrodite (há inscrições com os nomes dos personagens); um desfile de cavaleiros seguindo um carro de combate; e finalmente, no friso de cima, os *hoplitai* combatendo ao som do flautista — *auletér*. O pintor coríntio aplicou nesta *ólpe* a técnica miniaturista, a cena do friso central (caça ao leão) tem 4,5 cm de altura (MARTIN, 1994: 114). Tom Rasmussen chama a atenção no tocante à representação de uma Górgona em um dos escudos dos guerreiros. O *gorgoneion*, ou seja, o *prósopon* — face, máscara — de Gorgó petrifica, seu olhar frontal provoca o medo no inimigo (FRONTISI-DUCROUX, 1995: 66). Em Homero, o escudo de Agamêmnon possui o *prósopon* de Gorgó com seu olhar funesto (HOMERO. *Iliada* XI, 36-40). Hesíodo também menciona que as faces das Górgonas provocam um imenso medo — *mégas phóbos* — (HESÍODO. *O Escudo* vv. 235-237).

O olhar frontal da Górgona no escudo representa a alteridade plena, consiste na mistura de monstro/ besta com humano. Seu rosto possui características animais e humanas (cabeça arredondada, evoca uma face leonina, olhos estão arregalados, orelhas deformadas às vezes semelhantes às de boi, dentes com fileiras de caninos de fera, língua para fora, queixo peludo), situa-se na esfera do horror e do grotesco.¹

Podemos traçar um paralelo entre os cavalos e o escudo com a Gorgó: tanto a Górgona quanto o cavalo emitem um ruído peculiar, por meio do som de sua garganta e mandíbulas, respectivamente, podemos identificar a presença inquietante de um Poder do Hades, manifestado em forma animal. Sobre o olhar da Górgona, Vernant esclarece que encará-lo significa perder a vida e tornar-se como ela, ou seja, defrontar-se com o poder da morte (VERNANT, 1996: 92). Daí, compreendermos o motivo que levou ao pintor representá-la em um escudo: o *hoplites* deseja criar uma sensação de medo contra o seu inimigo, anseia que o olhar da entidade *ctônica* petrifique o seu adversário.

No friso superior constata-se a presença da dupla flauta — *aulós* — que além de ser um instrumento dionisíaco é *gorgônico*; o instrumento foi inventado por Atená para simular os sons emitidos pela Górgona e suas serpentes. Tocando a flauta o músico não pode se valer da palavra, diferentemente do citarista que pode executar o instrumento e entoar uma canção. O rosto do *auletér* está desfigurado talvez pela raiva, provocada pelo furor de Gorgó. Desta maneira, vários signos representados no vaso transmitem os seguintes enunciados: a prática da guerra com o carro de

combate, os *hoplitai*, o herói/guerreiro homérico (Páris Alexandre) e a caça. A representação da guerra (cavaleiros, escudos, armaduras, e outros) em um vaso arcaico é uma maneira de colocar em jogo a coletividade cívica. Na *pólis* dos séculos VII e VI a. C., o cidadão se define, entre outros meios, pela sua participação em um certo número de práticas coletivas, tais como: a caça, a guerra e o banquete (SCHMITT-PANTEL/SCHNAPP, 1982: 60). Evidentemente, o acesso à cidadania em uma *pólis* arcaica estava restrito aos grupos dos *aristoi*. Os aristocratas participavam como cavaleiros — *hippeis* — nos combates e praticavam a caça heróica, quer dizer, a caça ao leão que desde Homero estava relacionada aos “melhores” de uma determinada comunidade (DEL PELOSO, 1999: 22). Já a caça à lebre (cena do friso de baixo) põe em valor as qualidades físicas do caçador (SCHNAPP, 1987: 311).

Contudo, verificamos que no vaso além da caça heróica e do combate em carro e o uso de cavalos, o pintor explicitou a nova tática de combate: a falange *hoplítica*. Esta *ólpe* é um dos primeiros testemunhos sobre a adoção da falange *hoplítica* na Hélade (ETIENNE, 2000: 84). Marcel Detienne explicou que a nova tática militar não significou uma grande mudança no plano tecnológico, pois várias peças do armamento que formava a panóplia já existiam desde a época geométrica. Somente o duplo punho (*antibalé*) no escudo foi uma inovação no equipamento. Entretanto, a grande inovação ocorreu no comportamento do guerreiro. Enquanto o guerreiro heróico buscava sua glória individual (*kléos*) e lutava por sua honra (*timé*), o guerreiro *poliade* necessitava defender o solo de seus ancestrais. O herói/guerreiro em Homero (Aquiles, Agamêmnon, entre outros) ansiava receber um privilégio honorífico por seus esforços individuais. Este *gêras* poderia ser tesouros, cabeças de gado ou mesmo cativas (SCHEID-TISSINIER, 1999: 45). Em contrapartida, o guerreiro que lutava em fileiras, em bloco, com o escudo no braço esquerdo protegendo seu companheiro — *hetairos* —, procurava defender o solo sagrado de sua *pólis* onde viviam seus filhos e sua esposa. Como enfatizou Calinos de Éfeso: “Porque é honroso e belo para um homem lutar com o inimigo por sua terra, seus filhos e sua esposa legítima.” (Calinos. *Elegia* 1, 5-10). Este poeta exalta a bela morte — *kalós thánatos* — do guerreiro/cívico. Vale pontuar aqui que esta *Elegia* de Calinos coincide com a provável data da ‘*Ólpe* de Chigi’: meados do VII século a. C.

Ainda sobre a questão do comportamento do guerreiro, Detienne esclarece que há uma distância entre as atitudes do herói homérico e as do *hoplites*. Enquanto o primeiro combate tomado pela fúria — *lýssa* —, o segundo almeja a temperança — *sophrosýne*. Na falange não há lugar

para proezas individuais, todos seguem o som do flautista — *auletér* —, ele é responsável pelo ritmo da marcha, ele mantém a coesão da falange. A batalha está confiada a um grupo de homens, submetidos à uma mesma disciplina e ordem (DETIENNE, 1999: 162).

É necessário examinarmos aqui a hipótese de que os *hoplitai* provavelmente participaram, pelo menos em Corinto, da derrubada do regime aristocrático dos Baquíades. O tirano Cýpselos, segundo a tradição, exerceu a magistratura de *polemárcheios*, ou seja, cuidava de questões militares e talvez tenha contado com o apoio de seus companheiros nos conflitos com os Baquíades (WILL, 1955: 476; TRABULSI, 1987: 95). O mais provável é que os *hoplitai* tenham apoiado os tiranos contra seus adversários. Além, é claro, da falange favorecer o ingresso de certos grupos na vida pública e política da *pólis*, como, por exemplo, pequenos e médios proprietários de terras.

Até agora falamos da *ólpe*, os temas nela encontrados e as possíveis interpretações. Mas ela não foi encontrada nem em Corinto e muito menos em outra *pólis*. O artefato foi recuperado na Itália, mais precisamente em uma tumba etrusca. O que isso quer dizer? Primeiramente, já se havia estabelecido no século VII a. C. um intenso intercâmbio entre etruscos e helenos. A colonização grega na Itália, no VIII século a. C., e a aceitação do estabelecimento de gregos, como as *emporía* de Cumas e de Pitecussas proporcionaram um estreitamento nas relações entre as duas sociedades. Mas não se tratava apenas de simples trocas comerciais.

Para Alfonso Mele, a hospitalidade é um dos pilares do comércio (comércio-*préxis*) no período arcaico. O coríntio Demáratos (*aristós* baquíade expulso de Corinto com a ascensão do tirano Cýpselos) possuía laços de hospitalidade com os *princepes* locais etruscos e uma vez em viagem à Tarquínia casou-se com uma mulher ilustre (ESTRABÃO. *Geografia* VIII, 6, 20). Demáratos foi considerado o pai do primeiro rei etrusco de Roma — *Lucius Tarquinius Priscus*. Nesta mesma época ocorreram transformações significativas na Etrúria, tanto no artesanato quanto na arquitetura (RIDGWAY, 1990: 143-144). Voltando à questão do comércio, esta atividade, segundo Mele, está apoiada na prática da *xenia* — hospitalidade. O comércio-*préxis* é uma atividade de *biotos*, troca de cereais e de vinho, além de escravos e metais, orientados para locais de comércio, garantidos pelas relações de *xenia* e o respeito à sacralidade que o estrangeiro possui (MELE, 1979: 73). Jean-Paul Morel procurou investigar, a partir da disseminação da cerâmica grega no Mediterrâneo, os contatos culturais entre helenos e etruscos. A observação de um tipo particular de cerâmica (os ‘vasos-recipientes’ — ânforas e vasos de perfu-

me, por exemplo) permite em certos casos supor uma transferência de produções e de técnicas agrícolas típicas da Hélade: assim a Etrúria se propõe a produzir e depois a exportar óleo perfumado (por meio dos *aryballoi* e dos *alabastra* etrusco-coríntios). O autor salienta ainda a disseminação de técnicas dos artesãos helênicos, como foi o caso do estilo etrusco-coríntio. Esta transferência efetuou-se em várias etapas sucessivas: da própria Grécia para o mundo colonial heleno no ocidente e depois para a Etrúria propriamente dita (MOREL, 1983: 571-572).

Atesões gregos se fixaram inicialmente em *emporía*, com a de Pithecussas, e difundiram toda a sua *métis* — astúcia, inteligência prática — entre os artífices etruscos (COLDSTREAM, 1994: 52). Um bom exemplo disso é a cratera encontrada em Caere, atribuída ao pintor grego Aristonothos (Roma. Musei Capitolini), este artesão exercia seu ofício na Etrúria por volta de meados do VII século a. C. (DELLA FINA, 2000: 84). A cena desta cratera mostra o confronto de dois tipos de embarcações: a da direita trata-se de uma nau de carga e a da esquerda uma embarcação veloz de combate munida de remos. Os guerreiros etruscos no interior da proa deste último barco atacam a nau helena. Devemos lembrar que comércio e pirataria no período arcaico se confundiam, os viajantes gregos previam agressões quando navegavam nas águas do Mar Tirreno (BRIQUEL, 1999: 84-85).

Por outro lado, a arqueologia atestou atividades metalúrgicas em Pithecussas. De acordo com alguns autores, o estabelecimento de gregos (oriundos de Cálcis e de Erétria — Eubéia) nas *emporía* de Cumas e na de Pithecussas estaria relacionado com a procura de ferro, de cobre e de chumbo na Etrúria (BRIQUEL, 1999: 107-109; FINLEY, 1991: 123-124).

Além destes contatos comerciais, os etruscos empreenderem outros tipos de trocas com os helenos. Havia um verdadeiro fascínio entre os *princeps* etruscos em relação à cultura helena. Os arqueólogos constataram que a cidade-Estado etrusca de Caere foi o centro mais significativo de concentração de crateras figuradas coríntias, acumulando cerca de 40% dos vasos exportados conhecidos (trinta e cinco crateras foram encontradas) (LA GENIÈRE, 1988: 85). Nestas crateras estavam representados heróis, mitos e práticas comuns entre os helenos. Poderíamos indicar a cratera coríntia encontrada em Caere (Paris. Musée du Louvre, E 635), em um de seus frisos observamos a cena de um banquete de hospitalidade na casa de Eurytos com o hóspede Hércules reclinado em uma das *klínai*. E não deixa de ser impressionante que a temática mais difundida nas pinturas parietais das tumbas etruscas tenha sido a de banquete, ou melhor, o *sympósion* à moda grega (PALLOTTINO, 1999: 368-369; BRIQUEL,

1999: 160). Sem esquecermos que o herói Hércules foi largamente incorporado nas pinturas etruscas (D'AGOSTINO/CERCHIAI, 1999: 147).

Voltando à *ólpe* protocoríntia, podemos traçar mais um paralelo entre as duas culturas, como a incorporação da tática da falange *hoplítica*. É provável que os etruscos tenham aprendido esta nova técnica de guerrear com os helenos. A nossa *ólpe* possui no friso de cima a representação dos *hoplitai* lutando ao som do *auléter*. Todavia, no friso de baixo podemos deslumbrar cavaleiros seguindo um carro de combate guiado por um auriga. Poderíamos interpretar este vaso de duas formas: o olhar de um grego e o de um aristocrata etrusco. Um heleno identificaria dois tipos de combate: o *hoplita* e seus companheiros enfrentando guerreiros rivais (combate no contexto da *pólis*) e um combate aristocrático, no friso de baixo, muito semelhante daqueles enfrentamentos armados descritos por Homero na *Iliada*. Isso quer dizer que o pintor de Chigi misturou duas formas distintas de guerrear — a aristocrática/heróica e a *hoplítica*. Como o *aedo* Homero, o pintor cria as suas “imagens” lingüísticas contendo lembranças do passado e motivações de seu presente.

Mas teria o mesmo significado para um *princeps* tirreno? Provavelmente não, pois a falange não provocou o mesmo impacto na sociedade etrusca, como acontecera com a helênica. Como explica Dominique Briquel, mesmo adotando a panóplia e a falange dos gregos, os etruscos mantiveram uma ideologia aristocrática e a referência ao tipo de combate “homérico” (BRIQUEL, 1999: 196-202). Os arqueólogos constataram que tanto nas placas de Murlo quando nas de Acquarossa há uma “fusão” das duas táticas militares. Os *hoplitai* são seguidos por cavaleiros — *hippeis* — e estes por um carro com o auriga e o *princeps* (TORELLI, 1999: 128).² Em uma das placas de terracota, além dos *hoplitai* e *hippeis*, aparece a perseguição ao leão de Neméia feita por Hércules (CAMPOREALE, 1997: 13-15). A placa de terracota citada fazia parte de um complexo arquitetural principesco (o de Acquarossa) e como dissemos, anteriormente, Hércules e seu mito tiveram uma grande penetração na Etrúria no período arcaico.

Este trabalho procurou mostrar como um vaso e suas imagens podem fornecer ao historiador inúmeras questões e interpretações. Cada interpretação irá depender da sociedade e dos grupos de leitores com os quais o pesquisador está interessado. Se analisarmos esta *ólpe* pelo lado do artesão e de sua *pólis* — Corinto — nós teremos um enunciado. Contudo, se procurarmos as teias que envolvem o significado deste vaso e a aristocracia que o “consumiu”, poderemos constatar outras formas de apreensão do mesmo objeto. Duas sociedades diferentes podem emergir a partir da

análise da *ólpe* protocoríntia, conhecida como “Ólpe de Chigi”, abrigada no Museu Nacional de Villa Giulia. Culturas distintas com certeza, mas que possuem muitos traços em comum e que nós historiadores não podemos deixar de estudá-los, bem como nós podemos pesquisar as diversas formas de contatos e negociações entre helenos e as demais sociedades que os cercavam.

Documentação Textual

- CALINOS. “Elegia”. In: *Líricos Griegos* v. I. Trad. Francisco R. Adrados (edição bilíngüe). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990.
- HÉSIODE. *Le Bouclier*. Trad. Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- HOMÈRE. *Illiade*. Trad. Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1990.
- PAUSANIAS. *Descripción de Grecia*. Libros I-II. Trad. María C.H. Ingelmo. Madrid: Gredos, 1994.
- PINDARE. *Olympiques*. Tome I. Trad. Aimé Puech. Paris: Les Belles Lettres, 1999.
- STRABON. *Géographie*. Livre VIII. Trad. Raoul Baladié. Paris: Les Belles Lettres, 1978.

Documentação Arqueológica

- BOARDMAN, J. *L'Art Grec*. Paris: Larousse, 1965.
- MARTIN, R. *L'Art Grec*. Paris: Le Livre de Poche, 1994 (1984).
- PAYNE, H. *Necrocorinthia: a Study of Corinthian Art in Archaic Period*. Oxford: Clarendon Press, 1931.
- RASMUSSEN, T. “Corinth and the Orientalising Phenomenon”. In: RASMUSSEN, T., SPIVEY, N. (org.) *Looking at Greek Vases*. Cambridge University Press, 1997.
- ROBERTSON, M. *La Peinture Grecque*. Genève: Albert Skira, 1978 (1959).

Bibliografia

- BRIQUEL, D. *La Civilisation Étrusque*. Fayard, 1999.
- CAMPOREALE, G. “Variations Étrusques Archaiques sur le Thème d'Héraclès et le Lion”. In: GAULTIER, F., BRIQUEL, D. *Les*

- Étrusques, les Plus Religieux des Hommes*. Rencontres de L'École du Louvre. Actes du Colloque International, 17-19 novembre 1992. Paris: La Documentation Française, 1997.
- COLDSTREAM, J.N. "Prospectors and Pioneers: Pithekoussai, Kyme and Central Italy". In: TSETSKHLADZE, G. R., DE ANGELIS, F. (org.) *The Archaeology of Greek Colonisation*. Oxford University Committee for Archaeology, 1994.
- CORVISIER, J.-N. *Les Grecs à L'Époque Archaique*. Paris: Ellipses, 1996.
- D'AGOSTINO, B., CERCHIAI, L. *Il Mare, la Morte, l'Amore: gli Etruschi, i Greci e l'Imaginaire*. Roma: Donzelli, 1999.
- D'AGOSTINO, B. I "Principi dell'Italia centro-tirrenica in Época Orientalizante". In: ACTES DE LA TABLE RONDE INTERNATIONALE. *Les Princes de la Protohistoire et l'Émergence de l'État*. Naples-Rome: Centre Jean Bérard-École Française de Rome, 1999.
- DELLA FINA, M. "Chiusi: una Città Etrusca". In: *Archeo: Attualità del Passato* 188: 55-99, Ottobre 2000.
- DEL PELOSO, D. M. "As Manifestações Ideológicas da Caça em Atenas nos V e IV Séculos a. C.". *Phoînix* 5: 121-137, 1999.
- DETTIENNE, M. "La Phalange: Problèmes et Controverses". In: VERNANT, J.-P. *Problèmes de la Guerre en Grèce Ancienne*. Paris: EHESS, 1999 (1968).
- ÉTIENNE, R., MÜLLER, C., PROST, F. *Archéologie Historique de la Grèce Antique*. Paris: Ellipses, 2000.
- FRONTISI-DUCROUX, F. *Du Masque au Visage: Aspects de l'Identité en Grèce Ancienne*. Paris: Flammarion, 1995.
- LA GENIÈRE, J. "Les Acheteurs des Cratères Corinthiens". In: *Bulletin de Correspondance Hellénique* CXII: 82-90, 1988.
- MELE, A. *Il Commercio Greco Arcaico: Prexis ed Emporie*. Naples: Cahiers du Centre Jean Bérard IV, Institut Français de Naples, 1979.
- MOREL, J.-P. "Les Relations Économiques dans l'Occident Grec". In: *Modes de Contacts et Processus de Transformation dans les Sociétés Anciennes*. Actes du Colloque de Cortone (24-30 mai 1981). Pise — Rome: Scuola Normale Superiore — École Française de Rome, 1983.
- MURRAY, O. *Early Greece*. Fontana Press, 1988 (1980).
- PALLOTTINO, M. *Etruscologia*. Milano: Hoepli, 1999 (1942).

- RIDGWAY, D. *The First Western Greeks*. Cambridge University Press, 1990.
- SCHEID-TISSINIER, E. *L'Homme Grec aux Origines de la Cité (900-700 av. J.-C.)*. Paris: Armand Colin, 1999.
- SCHMITT-PANTEL, P., SCHNAPP, A. "Image et Société en Grèce Ancienne: les Représentations de la Chasse et du Banquet". In: *Revue Archéologique* fasc. 1: 57-74, 1982.
- SCHNAPP, A. *La Duplicité du Chasseur. Comportement Juvénile et Pratique Cynégétique en Grèce Ancienne aux Époques Archaique et Classique*. Paris: EHESS, 1987.
- SNODGRASS, A. *La Grèce Archaique*. Paris: Hachette, 1986 (1980).
- THÉOPHILOPOULOU, M. *Le Développement Urbain de Corinthe de L'Époque Géométrique à 146 av. J.-C.* Paris: Paris X — Nanterre, 1983.
- TORELLI, M. *Storia degli Etruschi*. Roma: Laterza, 1999 (1981).
- TRABULSI, J.A.D. *Religion e Società em Grèce Ancienne: Crise Sociale, Tyrannie et Diffusion du Dionysisme à l'Époque Archaique*. Mémoire de D.E.A. Besançon: Faculté de Lettres et Sciences Humaines. Université de Franche-Comté, 1982.
- VERNANT, J.-P. *A Morte nos Olhos: Figuração do Outro na Grécia Antiga Ártemis e Gorgó*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- _____. *Entre Mythe et Politique*. Paris: Seuil, 1996.
- WILL, Ed. *Korinthiaka: Recherches sur l'Histoire et la Civilisation de Corinthe des Origines aux Guerres Mediques*. Paris: E. de Boccard, 1955.

Notas

¹ Na *Odisséia* de Homero, Górgona está relacionada ao mundo subterrâneo: "Seu papel é simétrico ao de Cérbero: ela impede que o vivo entre na casa dos mortos; Cérbero impede que o morto retorne ao convívio dos vivos. (...) Sua máscara exprime e preserva a alteridade radical do mundo dos mortos, do qual nenhum vivo pode aproximar-se." (VERNANT, 1991: 60-61).

² Na Etrúria Setentrional, onde é particularmente significativo o exemplo de Vetulonia, as tumbas principescas da primeira metade do VII século a.C. são caracterizadas pela presença dominante das armas: elmos, joelheiras, pontas de lanças em bronze e em ferro. A freqüente presença dos carros indica a adesão à guerra de tipo heróica e pode ser encontrada também no repertório iconográfico da época (D'AGOSTINO, 1999: 86).